

CARTA A EL-REI
D. MANUEL SOBRE O
ACHAMENTO DO BRASIL

PÊRO VAZ DE CAMINHA

CARTA A EL-REI
D. MANUEL SOBRE O
ACHAMENTO DO BRASIL

Notas de

MARIA PAULA CAETANO E NEVES ÁGUAS





© 1997, Parque EXPO 98, S.A.

A publicação deste texto foi gentilmente autorizada por Publicações
Europa-América.

Ilustração e Design
Luís Filipe Cunha

Tiragem
5000 exemplares

Composição
Fotocompográfica

Seleção de Cor
Grafiseis

Impressão e Acabamento
Printer Portuguesa

Depósito Legal
107 322/97
ISBN

972-8127-87-1
Lisboa, Maio de 1997

Senhor:

Posto que o capitão desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que nesta navegação agora se achou, não deixarei também de dar minha conta disso a Vossa Alteza, o melhor que eu puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba fazer pior que todos.

Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para alindar nem

afear, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Da marinhagem¹ e singraduras² do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado. Portanto, Senhor, do que hei-de falar começo e digo:

A partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi, segunda-feira, 9 de Março. Sábado, 14 do dito mês, entre as oito e as nove horas, nos achámos entre as Canárias, mais perto da Grã-Canária, onde andámos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às dez horas, pouco mais ou menos, havemos vista das ilhas de Cabo Verde, ou melhor, da ilha de São Nicolau, segundo o dito Pêro Escolar, piloto.

Na noite seguinte, segunda-feira, ao amanhecer, se perdeu da frota Vasco de Ataíde com sua nau, sem haver tempo forte nem contrário para que tal acontecesse. Fez o capitão suas diligências para o achar, a uma e outra parte, mas não apareceu mais!

¹ *Marinhagem* — Arte de navegar; faina de bordo.

² *Singradura* — Navegação diária (de 24 horas) realizada por navio à vela, e geralmente contada entre o meio-dia de dois dias seguidos.

E assim seguimos nosso caminho, por este mar, de longo¹, até que, terça-feira das Oitavas de Páscoa², que foram 21 dias de Abril, estando da dita ilha obra de seiscentas e sessenta ou seiscentas e setenta léguas, segundo os pilotos diziam, topámos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho³, assim como outras a que dão o nome de rabo-de-asno⁴. E, quarta-feira seguinte (22 de Abril), pela manhã topámos aves e que chamam fura-buxos⁵.

Neste dia, a horas de véspera⁶, houvemos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redon-

¹ *De longo* — Movimento progressivo e rectilíneo em relação a um ponto determinado. (Jaime Cortesão, *A Carta de Pêro Vaz de Caminha*.)

² *Oitavas de Páscoa* — Oito dias depois da Festa da Páscoa, que terminam no chamado Domingo de Pascoela.

³ *Botelho* — Espécie de alga, também chamada «sargaço».

⁴ *Rabo-de-asno* — Supõe-se que seja uma planta medicinal usada para bloquear a hemorragia nasal.

⁵ *Fura-buxos* — Aves aquáticas da família dos Procelarídeos, conhecidas também, no século XVI, pelos nomes de «chiretas» e «estapagados», típicas da costa portuguesa e do mar dos Açores. (Manuel Simões, *A Literatura de Viagens nos Séculos XVI e XVII*, Editorial Comunicação, Lisboa, 1985).

⁶ *Horas de véspera* — Hora canónica em que se rezava a oração da tarde, entre as 15 horas e o pôr do Sol.

do; e doutras serraś mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome — o MONTE PASCOAL — e à terra — a TERRA DA VERA CRUZ.

Mandou lançar o prumo. Acharam vinte e cinco braças¹, e, ao sol-posto, obra de seis léguas de terra, surgimos âncoras², em dezanove braças — ancoragem limpa. Ali permanecemos toda aquela noite. E à quinta-feira (23 de Abril), pela manhã, fizemos vela e seguimos direitos à terra, indo os navios pequenos diante, por dezassete, dezasseis, quinze, catorze, treze, doze, dez e nove braças, até meia légua da terra, onde todos lançámos âncoras em frente à boca de um rio. E chegaríamos a esta ancoragem às dez horas pouco mais ou menos.

Dali avistámos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos, por chegarem primeiro.

Então lançámos fora os batéis e esquifes³; e vieram lo-

¹ Braça — Medida equivalente a cerca de 2,20 m.

² Surgimos âncoras — Lançámos as âncoras.

³ Esquifes — Pequenas embarcações transportadas nas naus, utilizadas para salvamento em caso de naufrágio ou como transporte para terra.

go todos os capitães das naus a esta nau do capitão-mor; onde falaram entre si. E o capitão-mor mandou em terra no batel a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que¹ ele começou de ir para lá, acudiram pela praia homens, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio, já ali havia dezoito ou vinte homens.

Eram pardos², todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas³. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijamente⁴ sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram.

Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa. Deu-lhes somente um barrete⁵ vermelho e uma carapuça⁵ de linho que levava na cabeça e um sombreiro⁶ preto. Um deles deu-lhe um sombreiro de penas de ave compridas, com uma copa-

¹ *Tanto que* — Assim que.

² *Pardos* — Cor entre o branco e o preto.

³ *Vergonhas* — De emprego habitual nos séculos xv e xvi para denominar as partes pudendas.

⁴ *Rijamente* — Decididamente.

⁵ *Barretes, carapuças* — Idênticos aos que se vêem nos painéis de Nuno Gonçalves.

⁶ *Sombreiro* — Chapéu de abas largas.

zinha pequena de penas vermelhas e pardas como de pagaio; e outro deu-lhe um ramal' grande de continhas brancas, miúdas, que querem parecer de aljaveira², as quais peças creio que o capitão manda a Vossa Alteza, e com isto se voltou às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar.

Na noite seguinte ventou tanto sueste com chuvaceiros que fez caçar³ as naus, e especialmente a capitânia. E sexta (24 de Abril) pela manhã, às oito horas, pouco mais ou menos, por conselho dos pilotos, mandou o capitão levantar as âncoras e fazer vela; e fomos ao longo da costa, com os batéis e esquifes amarrados à popa na direcção do norte, para ver se achávamos alguma abrigada⁴ e bom pouso, onde nos demorássemos, para tomar água e lenha. Não que nos minguassem, mas por aqui nos acertarmos⁵.

¹ *Ramal* — Colar.

² *Continhas [...]* de aljaveira — De significado ainda não muito bem esclarecido. Supõe-se serem sementes deste tipo de planta (aljaveira), ou como quer Jaime Cortesão (*op. cit.*), moluscos dos mares tropicais que, na Europa, se encontravam em colares, cuja matéria servia para marchetar objectos de indústria sumptuária.

³ *Caçar* — Sair a nau do seu rumo por acção do vento, maré ou qualquer outro imprevisto da natureza.

⁴ *Abrigada* — Sítio abrigado das intempéries.

⁵ *Nos acertarmos* — Nos orientarmos.

Quando fizemos vela, estariam já na praia assentados perto do rio obra de sessenta ou setenta homens que se haviam juntado ali poucos e poucos. Fomos de longo¹, e mandou o capitão aos navios pequenos que seguissem mais chegados à terra e, se achassem pouso seguro para as naus, que amainassem.

E, velejando nós pela costa, acharam os ditos navios pequenos, obra de dez léguas do sítio donde tínhamos levantado ferro, um recife² com um porto dentro, muito bom e muito seguro, com uma mui larga entrada. E meteram-se dentro e amainaram³. As naus arribaram sobre eles; e um pouco antes do sol-posto amainaram também, obra de uma légua do recife, e ancoraram em onze braças.

E estando Afonso Lopes, nosso piloto, em um daqueles navios pequenos, por mandado do capitão, por ser homem vivo e destro para isso, meteu-se logo no esquife a sondar o porto dentro; e tomou dois daqueles homens da terra, mancebos e de bons corpos, que estavam numa almadia⁴. Um deles trazia um arco e seis ou sete setas; e na

¹ *Fomos de longo* — Navegámos ao longo de.

² *Recife* — Rochedo, que corresponde ao actual topónimo Coroa Vermelha. (Manuel Simões, *op. cit.*)

³ *Amainaram* — Recolheram as velas e pararam o barco.

⁴ *Almadia* — Embarcação comprida e estreita usada pelos indígenas.

praia andavam muitos com seus arcos e setas; mas de nada lhes serviram. Trouxe-os logo, já de noite, ao capitão, em cuja nau foram recebidos com muito prazer e festa.

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andavam nus, sem cobertura alguma¹. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos² e verdadeiros, do comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a

¹ *Bons rostos [...] sem cobertura alguma* — Esta perfeição física dos indígenas teria impressionado bastante quem com eles lidou nestes primeiros anos de contacto. Assim, a sua nudez demonstraria a sua inocência, pois, como não tinham sido corrompidos pela civilização, eram naturalmente bons, tal como Deus os tinha criado, vivendo ainda no seio de uma natureza sã e acolhedora. Estavam, então, isentos do pecado, e aguardavam apenas que até eles fosse levada a palavra de Deus para que se tornassem bons cristãos. Pelo menos era o que se pensava. (M. Viegas Guerreiro, *Carta a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil*).

² *Ossos brancos* — Adorno de ponta fina que se prolongava para fora dos lábios e com uma base larga a segurar. «[...] ainda hoje o usam os índios do Brasil, que, por isso, se designam Botocudos. Outras populações do globo se enfeitam com ele, como os Macondes de Moçambique e de Tanganhica, mas estes introduzem-no no lábio superior.» (M. Viegas Guerreiro, *op. cit.*)

parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita como roque de xadrez¹, ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber.

Os cabelos seus são corredios². E andavam tosquiados, de tosquia alta, mais que de sobrepena, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa³, de fonte a fonte para detrás, uma espécie de cabeleira de penas de ave amarelas, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena e pena, com uma confeição branda como cera⁴ (mas não o era), de maneira que a cabeleira ficava mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia minguia mais lavagem para a levantar.

O capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, bem vestido, com um colar de ouro mui grande ao pescoço, e aos pés uma alcatifa por estrado.

¹ *Roque de xadrez* — Nome dado às quatro torres do xadrez.

² *Corredios* — Lisos.

³ *Solapa* — Modo de os indígenas usarem os cabelos, parte caindo sobre a testa e parte sobre o resto do crânio, que era rapado.

⁴ *Como cera* — Segundo Jaime Cortesão (*op. cit.*), «esta cera era 'almá-gea', ou seja, a resina da 'pistácia lentisco'... Como essa goma era branda e a cabeleira de penas muito basta e unida, podia facilmente levantar-se, ou separar-se dos cabelos, sem lavagem».

Sancho de Tovar, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correia, e nós outros que aqui na nau com ele vamos, sentados no chão, pela alcatifa. Acenderam-se tochas. Entraram. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao capitão nem a ninguém. Porém um deles pôs olho no colar do capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro¹. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para terra e novamente para o castiçal como se lá também houvesse prata.

Mostraram-lhes um papagaio pardo que o capitão traz consigo; tomaram-no na mão e acenaram para a terra, como quem diz que os havia ali. Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram caso. Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela: não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como que espantados.

Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, fartéis², mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada da-

¹ *Ali havia ouro* — Pelo menos foi o que os portugueses quiseram entender pelos gestos dos índios: «Isto tomávamos nós por assim o desejarmos.»

² *Fartéis* — Bolos de açúcar e amêndoas envoltos em capa de farinha de trigo.

quilo; e se alguma coisa provavam, logo a lançavam fora. Trouxeram-lhes vinho numa taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes água em uma albarrada¹. Não beberam. Mal a tomaram na boca, que lavaram, e logo a lançaram fora.

Viu um deles umas contas de rosário, brancas; acenou que lhas dessem, folgou muito com elas e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo.

Isto tomávamos nós assim por assim o desejarmos. Mas ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não o queríamos nós entender, porque não lho havíamos de dar. E depois tornou as contas a quem lhas dera.

Então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir, sem buscarem maneira de encobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas², e as cabeleiras delas estavam bem rapadas e feitas. O capitão lhes mandou pôr por baixo das cabeças seus coxins³, e o da cabeleira esfor-

¹ *Albarrada* — Vasilha própria para beber água e vinho.

² *Fanadas* — Circuncisadas.

³ *Coxins* — Almofadas que servem também de assento.

çava-se por a não quebrar. E lançaram-lhes um manto por cima; e eles consentiram, quedaram-se e dormiram.

Ao sábado (25 de Abril), pela manhã, mandou o capitão fazer vela, e fomos demandar¹ a entrada, qual era mui larga e alta de seis a sete braças. Entraram todas as naus dentro; e ancoraram em cinco ou seis braças — ancoragem dentro tão grande, tão formosa e tão segura que podem abrigar-se nelas mais de duzentos navios e naus. E tanto que as naus quedaram ancoradas, todos os capitães vieram a esta nau do capitão-mor. E daqui mandou o capitão a Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias que fossem em terra e levassem aqueles dois homens e os deixassem ir com seu arco e setas, e isto depois que fez dar a cada um sua camisa nova, sua carapuça vermelha e um rosário de contas brancas de osso, que eles levaram nos braços, seus cascavéis² e suas campainhas. E mandou com eles, para lá ficar, um mancebo degredado, criado de D. João Telo, a que chamam Afonso Ribeiro, para lá andar com eles e sa-

¹ *Demandar* — Procurar.

² *Cascavéis* — Guizos.

ber de seu viver e maneiras¹. E a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho.

Fomos assim de frecha² direitos à praia. Ali acudiram logo obra de duzentos homens, todos nus, e com arcos e setas nas mãos. Aqueles que nós levávamos acenaram-lhes que se afastassem e pousassem os arcos; e eles os pousaram, mas não se afastaram muito. E mal pousaram os arcos, logo saíram os que nós levávamos, e o mancebo degredado com eles. E saídos não pararam mais; nem esperava um pelo outro, mas antes corriam a quem mais corria. E passaram um rio que por ali corre, de água doce, de muita água que lhes dava pela braga³, e outros muitos com eles. E foram assim correndo, além do rio, entre umas moitas de palmas onde estavam outros. Ali pararam.

¹ *Saber do seu viver e maneiras* — Era costume irem condenados à morte integrados nas armadas. Eram enviados pelos soberanos para que desempenhassem as missões mais arriscadas e para realizarem os primeiros contactos com os nativos, chegando a ficar entre eles, para aí aprenderem a língua e colherem informações, que seriam de grande utilidade aquando da chegada de outras frotas. Assim aconteceu com estes dois condenados à morte que acompanhavam a frota de Cabral.

² *De frecha* — Rapidamente.

³ *Braga* — Coxa.

Entretanto foi-se o degredado com um homem que, logo ao sair do batel, o agasalhou e levou até lá. Mas logo tornaram a nós; e com eles vieram os outros que nós leváramos, os quais vinham já nus e sem carapuças.

Então se começaram de chegar muitos. Entraram pela beira do mar para os batéis, até que mais não podiam; traziam cabaços de água e tomavam alguns barris que nós levávamos; enchiam-nos de água e traziam-nos aos batéis. Não que eles de todo chegassem à borda do batel. Mas junto a ele, lançavam os barris que nós tomávamos; e pediam que lhes dessem alguma coisa. Levava Nicolau Coelho cascavéis e manilhas¹. E a uns dava um cascavel, a outros uma manilha, de maneira que com aquele engodo quase nos queriam dar a mão. Davam-nos aqueles arcos e setas por sombreiros e carapuças de linho ou por qualquer coisa que homem² lhes queria dar.

Dali se partiram os outros dois mancebos, que os não vimos mais.

Muitos deles ou quase a maior parte dos que andavam

¹ *Manilhas* — Argolas de metal usadas nos braços ou nas pernas, como adorno.

² *Homem* — Pronome indefinido corrente no século XVI, significando «alguém», «qualquer pessoa».

ali traziam aqueles bicos de osso nos beiços. E alguns, que andavam sem eles, tinham os beiços furados e nos buracos uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha¹; outros traziam três daqueles bicos a saber, um no meio e os dois nos cabos². Aí andavam outros, quartejados de cores, a saber, metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, a modos de azulada; e outros quartejados de escaques³. Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha.

Ali por então não houve mais fala nem entendimento com eles, por a berberia⁴ deles ser tamanha que não se entendia nem ouvia ninguém.

Acenámos-lhes que se fossem; assim o fizeram e passaram além do rio. Sairam três ou quatro homens nossos nos batéis e encheram não sei quantos barris de água que

¹ *Espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha* — Pequenos recipientes de couro, para vinho, sendo a tampa, de pau, chamada «de espelho».

² *Cabos* — Extremidades.

³ *Escaques* — Quadrados como os do tabuleiro de xadrez.

⁴ *Berberia* — Barbárie.

nós levávamos e tornámo-nos às naus. Mas quando assim vínhamos, acenaram-nos que tornássemos. Tornámos e eles mandaram o degredado e não quiseram que ficasse lá com eles. Este levava uma bacia pequena e duas ou três carapuças vermelhas para lá as dar ao senhor, se o lá houvesse. Não cuidaram de lhe tirar coisa alguma, antes o mandaram com tudo. Mas então Bartolomeu Dias o fez outra vez tornar, ordenando que lhes desse aquilo. E ele tornou e o deu, à vista de nós, àquele que da primeira vez o agasalhara. Logo voltou e nós trouxemo-lo.

Esse que o agasalhou era já de idade, e andava por louçainha¹ todo cheio de penas, pegadas pelo corpo, que parecia asseteado² como S. Sebastião. Outros traziam carapuças de penas amarelas; outros, de vermelhas; e outros de verdes. E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela. Nenhum deles era fanado, mas, todo assim, como nós. E com isto nos tornámos e eles foram-se.

¹ *Louçainha* — Vaidade.

² *Asseteado* — Trespassado por setas.

À tarde saiu o capitão-mor em seu batel com todos nós outros e com os outros capitães das naus em seus batéis a folgar pela baía, em frente da praia. Mas ninguém saiu em terra, porque o capitão o não quis, sem embargo de ninguém nela estar. Somente saiu — ele com todos nós — em um ilhéu grande, que na baía está e que na baixa-mar fica mui vazio. Porém é por toda a parte cercado de água, de sorte que ninguém lá pode ir a não ser de barco ou a nado. Ali folgou ele e todos nós outros, bem uma hora e meia. E alguns marinheiros, que ali andavam com um chinchorro¹, pescaram peixe miúdo, não muito. Então volvemo-nos às naus já bem de noite.

Ao Domingo de Pascoela (26 de Abril), pela manhã, determinou o capitão de ir ouvir missa e pregação naquele ilhéu. Mandou a todos os capitães que se aprestassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou naquele ilhéu armar um esperavel², e dentro dele um altar mui bem corregido. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual foi dita pelo padre Frei Henrique, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos ou-

¹ *Chinchorro* — Rede de arrastar.

² *Esperavel* — Espécie de dossel ou pálio fixo.

tros padres e sacerdotes, que todos eram ali. A qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção.

Ali era com o capitão a bandeira de Cristo, com que saiu de Belém, a qual esteve sempre levantada, da parte do Evangelho.

Acabada a missa, desvestiu-se o padre e subiu a uma cadeira alta; e nós todos lançados por essa areia. E pregou uma solene e proveitosa pregação da história do Evangelho, ao fim da qual tratou da nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o sinal da Cruz, sob cuja obediência viemos, o que foi muito a propósito e fez muita devoção.

Enquanto estivemos à missa e à pregação, seria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como a de ontem, com seus arcos e setas, a qual andava folgando. E olhando-nos, sentaram-se. E, depois de acabada a missa, assentados nós à pregação, levantaram-se muitos deles, tangeram¹ corno ou buzina e começaram a saltar e a dançar um pedaço. E alguns deles se metiam em almadias — duas ou três que aí tinham —, as quais não são feitas co-

¹ *Tangeram* — Tocaram.

mo as que eu já vi; somente três traves, atadas entre si. E ali se metiam quatro ou cinco, ou esses que queriam, não se afastando quase nada da terra, senão enquanto podiam tomar pé.

Acabada a pregação, voltou o capitão, com todos nós, para os batéis, com nossa bandeira alta. Embarcámos e fomos todos em direcção à terra para passarmos ao longo por onde eles estavam, indo, na dianteira, por ordem do capitão, Bartolomeu Dias em seu esquife, com um pau de uma almadia que lhes o mar levara, para lho dar; e nós todos, obra de tiro de pedra¹, atrás dele.

Como viram o esquife de Bartolomeu Dias, chegaram-se logo todos à água, metendo-se nela até onde mais podiam. Acenaram-lhes que pousassem os arcos; e muitos deles os iam logo pôr em terra; e outros não.

Andava aí um que falava muito aos outros que se afastassem, mas não que a mim me parecesse que lhe tinham acatamento ou medo. Este que assim os andava afastando trazia seu arco e setas, e andava tinto de tintura vermelha pelos peitos, espáduas, quadris, coxas e pernas até

¹ *Tiro de pedra* — Alcance dum projectil lançado pela peça de artilharia chamada «pedreiro», que se pode calcular em cerca de 450 m.

baixo, mas os vazios com a barriga e estômago eram de sua própria cor. E a tintura era assim vermelha que a água a não comia nem desfazia, antes, quando saía da água, parecia mais vermelha.

Saiu um homem do esquife de Bartolomeu Dias e andava entre eles, sem implicarem nada com ele para fazer-lhe mal. Antes lhe davam cabaças de água, e acenavam aos do esquife que saíssem em terra.

Com isto seolveu Bartolomeu Dias ao capitão; e viemo-nos às naus, a comer, tangendo gaitas e trombetas, sem lhes dar mais opressão. E eles tornaram-se a assentar na praia e assim por então ficaram.

Neste ilhéu onde fomos ouvir missa e pregação, a água espraia muito, deixando muita areia e muito cascalho a descoberto. Enquanto aí estávamos, foram alguns buscar marisco e apenas acharam alguns camarões grossos e curtos, entre os quais vinha um tão grande e tão grosso como em nenhum tempo vi tamanho. Também acharam cascas de berbigões e amêijoas, mas não toparam com nenhuma peça inteira.

E tanto que comemos, vieram logo todos os capitães a esta nau, por ordem do capitão-mor, com os quais ele se

apartou¹, e eu na companhia. E perguntou a todos se nos parecia bem mandar a nova do achamento desta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos, para melhor a mandar descobrir e saber dela mais do que nós agora podíamos saber, por irmos de nossa viagem.

E entre muitas falas que no caso se fizeram, foi por todos ou a maior parte dito que seria muito bem. E nisto concluíram. E tanto que a conclusão foi tomada, perguntou mais se lhes parecia bem tomar aqui por força um par destes homens para os mandar a Vossa Alteza, deixando aqui por eles outros destes degredados.

Sobre isto acordaram que não era necessário tomar por força homens, porque era geral costume dos que assim levavam por força para alguma parte dizerem que há ali de tudo quanto lhes perguntam; e que melhor e muito melhor informação da terra dariam dois homens destes degredados que aqui deixassem, do que eles dariam se os levassem, por ser gente que ninguém entende. Nem eles tão cedo aprenderiam a falar para o saberem tão bem dizer que muito melhor estoutros o não digam, quando Vossa Alteza cá mandar. E que portanto não cuidassem de

¹ *Apartou* — Afastou.

aqui tomar ninguém por força nem de fazer escândalo, para de todo mais os amansar e apacificar, senão somente deixar aqui os dois degredados, quando daqui partíssemos.

E assim, por melhor a todos parecer, ficou determinado.

Acabado isto, disse o capitão que fôssemos nos batéis em terra e ver-se-ia bem como era o rio, e também para folgarmos.

Fomos todos nos batéis em terra, armados e a bandeira connosco. Eles andavam ali na praia, à boca do rio, para onde nós íamos; e, antes que chegássemos, pelo ensino que dantes tinham, puseram todos os arcos, e acenavam que saíssemos. Mas tanto que os batéis puseram as proas em terra, passaram-se logo todos além do rio, o qual não é mais largo que um jogo de mancal¹. E mal desembarcámos, alguns dos nossos passaram logo o rio, e meteram-se entre eles. Alguns aguardavam; outros afastavam-se. Era, porém, a coisa de maneira que todos andavam misturados. Eles ofereciam desses arcos com suas setas por sombreiros e carapuças de linho ou por qualquer coisa que lhes davam.

¹ *Jogo de mancal* — Bordão curto, ferrado nas pontas, usado no jogo da malha.

Passaram além tantos dos nossos, e andavam assim misturados com eles, que eles se esquivavam e afastavam-se. E deles alguns iam-se para cima onde outros estavam.

Então o capitão fez que dois homens o tomassem ao colo, passou o rio, e fez tornar a todos.

A gente que ali estava não seria mais que a costumada. E tanto que o capitão fez tornar a todos, vieram a ele alguns daqueles, não porque o conhecessem por senhor, pois me parece que não entendem, nem tomavam disso conhecimento, mas porque a gente nossa passara já para aquém do rio.

Ali falavam e traziam muitos arcos e continhas daquelas já ditas, e resgatavam-nas por qualquer coisa, em tal maneira que os nossos trouxeram dali para as naus muitos arcos e setas e contas.

Então tornou-se o capitão aquém do rio, e logo acudiram muitos à beira dele.

Ali veríeis¹ galantes pintados de preto e vermelho, e

¹ *Ali veríeis* — Este seria um modo muito usado de iniciar descrições, ao qual Pêro Vaz de Caminha deveria estar muito habituado.

quartejados, assim nos corpos, como nas pernas, que, certo, pareciam bem assim.

Também andavam, entre eles, quatro ou cinco mulheres moças, nuas como eles, que não pareciam mal. Entre elas andava uma com uma coxa, do joelho até ao quadril, e a nádega, toda tinta daquela tintura preta; e o resto, tudo da sua própria cor. Outra trazia ambos os joelhos, com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas e com tanta inocência descobertas, que nisso não havia vergonha alguma.

Também andava aí outra mulher moça, com um menino ou menina ao colo, atado com um pano (não sei de quê) aos peitos, de modo que apenas as perninhas lhe apareciam. Mas as pernas da mãe e o resto não traziam pano algum.

Depois andou o capitão para cima ao longo do rio, que corre sempre chegado à praia. Ali esperou um velho, que trazia na mão uma pá de almadia. Falava, enquanto o capitão esteve com ele, perante nós todos, sem nunca ninguém o entender, nem ele a nós quantas coisas lhe demandávamos acerca de ouro, que nós desejávamos saber se na terra havia.

Trazia este velho o beijo tão furado, que lhe caberia pelo furo um grande polegar, e metida nele uma pedra verde, ruim, que cerrava por fora esse buraco. O capitão lha fez tirar. E ele não sei que diabo falava e ia com ela directo ao capitão, para lha meter na boca. Estivemos sobre isso rindo um pouco; e então enfadou-se o capitão e deixou-o, e um dos nossos deu-lhe pela pedra um sombreiro velho, não por ela valer alguma coisa, mas por amostra. Depois houve-a o capitão, segundo creio, para, com as outras coisas, a mandar a Vossa Alteza.

Andámos por aí vendo a ribeira, a qual é de muita água e muito boa. Ao longo dela há muitas palmas, não mui altas, em que há muito bons palmitos. Colhemos e comemos deles muitos.

Então tornou-se o capitão para baixo para a boca do rio, onde havíamos desembarcado.

Além do rio, andavam muitos deles dançando e folgando, uns diante dos outros, sem se tomarem pelas mãos. E faziam-no bem. Passou-se então além do rio Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavém, que é homem gracioso e de prazer; e levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se com eles a dançar, tomando-os pelas

mãos; e eles folgavam e riam, e andavam com ele muito bem ao som da gaita. Depois de dançarem, fez-lhes ali, andando no chão, muitas voltas ligeiras e salto real¹, de que eles se espantavam e riam e folgavam muito. E conquanto com aquilo muito os segurou e afagou, tomavam logo uma esquiveza² como de animais monteses, e foram-se para cima.

E então o capitão passou o rio com todos nós outros, e fomos pela praia de longo, indo os batéis, assim, rente da terra. Fomos até uma lagoa grande de água doce, que está junto com a praia, porque toda aquela ribeira do mar é apaulada³ por cima e sai a água por muitos lugares.

E depois de passarmos o rio, foram uns sete ou oito deles andar entre os marinheiros que se recolhiam aos batéis. E levaram dali um tubarão, que Bartolomeu Dias matou, lhes levou e lançou na praia.

Bastará dizer-vos que até aqui, como quer que eles um pouco se amansassem, logo duma mão para a outra se esquivavam, como pardais, do cevadoiro⁴. Homem não lhes

¹ *Salto real* — Salto mortal.

² *Esquiveza* — Desconfiança.

³ *Apaulada* — Pantanosa.

⁴ *Cevadoiro* — Isca usada para atrair e caçar aves.

ousa falar de riço para não se esquivarem mais; e tudo se passa como eles querem, para os bem amansar.

O capitão, ao velho, com quem falou, deu uma carapuça vermelha. E com toda a fala que entre ambos se passou e com a carapuça que lhe deu, tanto que se apartou e começou de passar o rio, foi-se logo recatando e não quis mais tornar de lá para aquém.

Os outros dois, que o capitão teve nas naus, a que deu o que já disse, nunca mais aqui apareceram — do que tiro ser gente bestial, de pouco saber e por isso tão esquivada. Porém e com tudo isto andam muito bem curados e muito limpos. E naquilo me parece ainda mais que são como aves ou alimárias¹ monteses, às quais faz o ar melhor pena e melhor cabelo que às mansas, porque os corpos seus são tão limpos, tão gordos e formosos, que não pode mais ser.

Isto me faz presumir que não têm casas nem moradas a que se acolham, e o ar, a que se criam, os faz tais. Nem nós ainda até agora vimos casa alguma ou maneira delas.

Mandou o capitão àquele degredado Afonso Ribeiro que se fosse outra vez com eles. Ele foi e andou lá um

¹ *Alimárias* — Animais irracionais (selvagens).

bom pedaço, mas à tarde tornou-se, que o fizeram eles vir e não o quiseram lá consentir. E deram-lhe arcos e setas; e não lhe tomaram nenhuma coisa do seu. Antes — disse ele — que um lhe tomara umas continhas amarelas, que levava, e fugia com elas, e ele se queixou e os outros foram logo após, e lhas tomaram e tornaram-lhas a dar; e então mandaram-no vir. Disse que não vira lá entre eles senão umas choupaninhas de rama verde e de fetos muito grandes, como de Entre Douro e Minho.

E assim nos tornámos às naus, já quase de noite, a dormir.

À segunda-feira (27 de Abril), depois de comer, saímos todos em terra a tomar água. Ali vieram então muitos, mas não tantos como as outras vezes. Já muito poucos traziam arcos. Estiveram assim um pouco afastados de nós; e depois pouco a pouco misturaram-se connosco. Abraçavam-nos e folgavam. E alguns deles se esquivavam logo. Ali davam alguns arcos por folhas de papel e por alguma carapucinha vermelha ou qualquer coisa. Em tal maneira isto se passou que bem vinte ou trinta pessoas das nossas se foram com eles, onde outros muito estavam com moças e mulheres. E trouxeram de lá muitos arcos e barretes de

penas de aves, deles verdes e deles amarelos, dos quais, segundo creio, o capitão há-de mandar amostra a Vossa Alteza.

E, segundo diziam esses que lá foram, folgavam com eles. Neste dia os vimos mais de perto e mais à nossa vontade, por andarmos quase todos misturados. Ali, alguns andavam daquelas tinturas quartejados; outros de metades; outros de tanta feição, como em panos de armar¹, e todos com os beijos furados, e muitos com os ossos neles, e outros sem ossos.

Alguns traziam uns ouriços verdes, de árvores, que, na cor, queriam parecer de castanheiros, embora mais pequenos. E eram cheios duns grãos vermelhos pequenos, que, esmagados entre os dedos, faziam tintura muito vermelha, de que eles andavam tintos. E quanto mais se molhavam, tanto mais vermelhos ficavam.

Todos andavam rapados até cima das orelhas; e assim as sobrancelhas e pestanas.

Trazem todos as testas, de fonte a fonte, tintas da tinta preta, que parece uma fita preta, da largura de dois dedos.

¹ *Panos de armar* — Tapeçarias.

E o capitão mandou àquele degredado Afonso Ribeiro e a outros dois degredados que fossem lá andar entre eles, e assim a Diogo Dias, por ser homem ledo¹, com que eles folgavam. Aos degredados mandou que lá ficassem essa noite.

Foram-se lá todos, e andaram entre eles. E, segundo eles diziam, foram bem uma légua e meia a uma povoação, em que haveria nove ou dez casas, as quais eram tão compridas, cada uma, como esta nau capitânia. Eram de madeira, e das ilhargas de tábuas, e cobertas de palha, de razoada altura; todas numa só peça, sem nenhum repartimento, tinham dentro muitos esteios²; e, de esteio a esteio, uma rede atada pelos cabos, alta, em que dormiam. Debaixo, para se aquecerem, faziam seus fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, uma num cabo e outra no outro.

Diziam que em cada casa se recolhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os achavam; e que lhes davam de comer daquela vianda, que eles tinham, a saber, muito inhame³ e outras sementes, que na terra há e eles comem.

¹ *Ledo* — Alegre.

² *Esteios* — Escoras; varas; peças de madeira com que se sustém algo.

³ *Inhame* — Tubérculos comestíveis, da família das Discoráceas.

Mas, quando se fez tarde, fizeram-nos logo tornar a todos e não quiseram que lá ficasse nenhum. Ainda, segundo diziam, queriam vir com eles.

Resgatavam lá por cascavéis e por outras coisinhas de pouco valor, que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dois verdes pequeninos¹ e carapuças de penas verdes, e um pano de penas de muitas cores, maneira de tecido assaz formoso, segundo Vossa Alteza todas estas coisas verá, porque o capitão vo-los há-de mandar, segundo ele disse.

E com isto vieram; e nós tornámo-nos às naus.

À terça-feira (28 de Abril), depois de comer, fomos em terra dar guarda de lenha e lavar roupa.

Estavam na praia, quando chegámos, obra de sessenta

¹ *Papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dois verdes pequeninos* — Segundo Jaime Cortesão (*op. cit.*), trata-se, no primeiro caso, das araras, ainda hoje muito abundantes no Sul da Baía; no segundo, dos conhecidos por «tuins» (em São Paulo) e «cuiubas» (na Baía). Este autor chama-nos a atenção para o enorme espanto que causaram estas aves aos portugueses que nos primeiros anos visitaram o Brasil, pois as «araras», ainda que pintadas grosseiramente, figuram nas costas da Terra de Santa Cruz, no mapa de Cantino (1502), e, já muito finamente desenhadas e coloridas, na carta de Brasil do atlas chamado «Miller», de Lopo Homem (1519) [...]. Quanto aos «tuins», diz-nos que a nau *Bretoa*, quando, em 1511, regressou ao Reino, levava vinte e duas daquelas aves.

ou setenta, sem arcos e sem nada. Tanto que chegámos, vieram logo para nós, sem se esquivarem. Depois acudiram muitos, que seriam bem duzentos, todos sem arcos; e misturaram-se todos tanto connosco que alguns nos ajudavam a acarretar lenha e a meter nos batéis. E lutavam com os nossos e tomavam muito prazer.

Enquanto cortávamos a lenha, faziam dois carpinteiros uma grande cruz, dum pau, que ontem para isso se cortou.

Muitos deles vinham ali estar com os carpinteiros. E creio que o faziam mais por verem a ferramenta de ferro com que a faziam, do que por verem a cruz, porque eles não têm coisa que de ferro seja, e cortam sua madeira e paus com pedras feitas com cunhas, metidas em um pau entre duas talas, mui bem atadas e por tal maneira que andam fortes, segundo diziam os homens, que ontem a suas casas foram, porque lhas viram lá.

Era já a conversação deles connosco tanta que quase nos estorvavam no que havíamos de fazer.

O capitão mandou a dois degredados e a Diogo Dias que fossem lá à aldeia (e a outras, se houvessem novas delas) e que, em toda a maneira, não viessem dormir às naus, ainda que eles os mandassem. E assim se foram.

Enquanto andávamos nessa mata a cortar lenha, atravessavam alguns papagaios por essas árvores, deles verdes e outros pardos, grandes e pequenos, de maneira que me parece haverá muitos nesta terra. Porém eu não veria mais que até nove ou dez. Outras aves então não vimos, somente algumas pombas seixas¹, e pareceram-me bastante maiores que as de Portugal. Alguns diziam que viram rolas; eu não as vi. Mas, segundo os arvoredos são mui muitos e grandes, e de infindas maneiras, não duvido que por esse sertão haja muitas aves!

Cerca da noite nos volvemos para as naus com nossa lenha.

Eu, creio, Senhor, que ainda não dei conta aqui a Vossa Alteza da feição de seus arcos e setas. Os arcos são pretos e compridos, as setas também compridas e os ferros delas de canas aparadas, segundo Vossa Alteza verá por alguns que — eu creio — o capitão a Ela² há-de enviar.

À quarta-feira (29 de Abril) não fomos em terra, porque o capitão andou todo o dia no navio dos mantimentos

¹ *Pombas seixas* — Pombas bravas.

² *Ela* — D. Manuel, Vossa Alteza. Passa-se aqui da segunda para a terceira pessoa, como forma de acentuar a distância e subordinação.

a despejá-lo e fazer levar às naus isso que cada uma podia levar. Eles acudiram à praia; muitos, segundo das naus vimos. No dizer de Sancho de Tovar, que lá foi, seriam obra de trezentos.

Diogo Dias e Afonso Ribeiro, o degredado, aos quais o Capitão ontem mandou que em toda maneira lá dormissem, volveram-se já de noite, por eles não quererem que lá ficassem. Trouxeram papagaios verdes e outras aves pretas, quase como pegas, a não ser que tinham o bico branco e os rabos curtos.

Quando Sancho de Tovar se recolheu à nau, queriam vir com ele alguns, mas ele não quis senão dois mancebos dispostos¹ e homens de prol². Mandou-os essa noite mui bem pensar e tratar. Comeram toda a vianda³ que lhes deram; e mandou fazer-lhes cama de lençóis, segundo ele disse. Dormiram e folgaram aquela noite.

E assim não ouve mais este dia que para escrever seja.

À quinta-feira (30 de Abril), derradeiro de Abril, comemos logo, quase pela manhã, e fomos em terra por

¹ *Dispostos* — Graciosos.

² *Homens de prol* — Homens nobres, dos principais.

³ *Vianda* — Qualquer espécie de alimento.

mais lenha e água, E, em querendo o capitão sair desta nau, chegou Sancho de Tovar com seus dois hóspedes. E, por ele ainda não ter comido, puseram-lhe toalhas. Trouxeram-lhe vianda e comeu. Aos hóspedes, sentaram cada um em sua cadeira. E de tudo o que lhes deram comeram mui bem, especialmente lacão¹ cozido, frio e arroz.

Não lhes deram vinho, por Sancho de Tovar dizer que o não bebiam bem.

Acabado o comer, metemo-nos todos no batel e eles connosco. Deu um grumete a um deles uma armadura grande de porco-montês², bem revolta. Tanto que a tomou, meteu-a logo no beijo, e, porque se lhe não queria segurar, deram-lhe uma pouca de cera vermelha. E ele ajeitou-lhe seu adereço detrás para ficar segura, e meteu-a no beijo, assim, revolta³ para cima. E vinha tão contente com ela, como se tivera uma grande jóia. E tanto que saímos em terra, foi-se logo com ela, e não apareceu mais aí.

Andariam na praia, quando saímos, oito ou dez deles;

¹ *Lacão* — Presunto.

² *Armadura de porco-montês* — Presa de javali.

³ *Revolta* — Voltada.

e de aí a pouco começaram a vir mais. E parece-me que viriam este dia à praia quatrocentos ou quatrocentos e cinquenta.

Traziam alguns deles arcos e setas, que todos trocaram por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. Comiam connosco do que lhes dávamos. Bebiam, alguns deles, vinho; outros o não podiam beber. Mas parece-me, que se lho avezarem¹, o beberão de boa vontade.

Andavam todos tão dispostos, tão bem feitos e galantes com suas tinturas, que pareciam bem. Acarretavam dessa lenha, quanta podiam, com mui boa vontade, e levavam-na aos batéis.

Andavam já mais mansos e seguros entre nós do que nós andávamos entre eles.

Foi o capitão com alguns de nós um pedaço por este arvoredado até uma ribeira grande e de muita água, que a nosso parecer, era esta mesma, que vem ter à praia, e em que nós tomámos água.

Ali ficámos um pedaço, bebendo e folgando, ao longo dela, entre esse arvoredado, que é tanto, tamanho, tão basto e de tantas prumagens², que homem as não pode con-

¹ Avezarem — Acostumassem.

² Prumagens — Talvez «folhagem». (V. Jaime Cortesão, *op. cit.*)

tar. Há entre ele muitas palmas, de que colhemos muitos e bons palmitos¹.

Quando saímos do batel, disse o capitão que seria bom irmos direitos à cruz, que estava encostada a uma árvore, junto com o rio, para se erguer amanhã, que é sexta-feira, e que nos puséssemos todos em joelhos e a beijássemos para eles verem o acatamento que lhe tínhamos. E assim fizemos. A esses dez ou doze que aí estavam acenaram-lhe que fizessem assim, e foram logo todos beijá-la.

Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença.

E portanto, se os degredados, que aqui hão-de ficar, aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão-de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho que lhes quiserem dar. E pois Nosso

¹ *Palmitos* — Miolo comestível do fruto da palmeira.

Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa.

Portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da sua salvação. E prazerá a Deus que com pouco trabalho seja assim.

Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.

Neste dia, enquanto ali andaram, dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som dum tamboril dos nossos, em maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus.

Se lhes homem acenava se queriam vir às naus, faziam-se logo prestes para isso, em tal maneira que, se a gente todos quisera convidar, todos vieram. Porém não trouxemos esta noite às naus, senão quatro ou cinco, a saber: o capitão-mor, dois; Simão de Miranda, um, que

trazia já por pajem; e Aires Gomes, outro, também por pajem.

Um dos que o capitão trouxe era um dos hóspedes, que lhe trouxeram da primeira vez, quando aqui chegámos, o qual veio hoje aqui, vestido na sua camisa, e com ele um seu irmão; e foram esta noite mui bem agasalhados, assim de vianda, como de cama, de colchões e lençóis, para os mais amansar.

E hoje, que é sexta-feira, primeiro de Maio, pela manhã, saímos em terra, com nossa bandeira; e fomos desembarcar acima do rio contra o sul, onde nos pareceu que seria melhor cantar¹ a cruz, para melhor ser vista. Ali assinalou o capitão o lugar, onde fizessem a cova para a cantar.

Enquanto a ficaram fazendo, ele com todos nós outros fomos pela cruz abaixo do rio, onde ela estava. Dali a trouxemos com esses religiosos e sacerdotes diante cantando, em maneira de procissão.

Eram já aí alguns deles, obra de setenta ou oitenta; e, quando nos viram assim vir, alguns se foram meter debaixo dela, para nos ajudar. Passámos o rio, ao longo da

¹ *Chantar* — Fincar no chão.

praia, e fomo-la pôr onde havia de ficar, que será do rio obra de dois tiros de besta¹. Andando-se ali nisto, vieram bem cento e cinquenta ou mais.

Chantada a cruz, com as armas e a divisa de Vossa Alteza, que primeiramente lhe pregaram, armaram altar ao pé dela. Ali disse missa o padre Frei Henrique², a qual foi cantada e oficiada por esses já ditos. Ali estiveram connosco a ela obra de cinquenta ou sessenta deles, assentados todos de joelhos, assim como nós.

E quando veio ao Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, eles se levantaram connosco e alçaram as mãos, ficando assim, até ser acabado; e então tornaram-se a assentar como nós. E quando levantaram a Deus, que nos pusemos de joelhos, eles se puseram assim todos, como nós estávamos com as mãos levantadas, e em tal maneira sossegados, que certifico a Vossa Alteza nos fez muita devoção.

Estiveram assim connosco até acabada a comunhão,

¹ *Tiros de besta* — Nos séculos xv e xvi era esta uma medida usual da distância, correspondente, possivelmente, a cerca de 140 m ou 150 m, que as setas de uma besta vulgar de peão conseguiam alcançar.

² *Frei Henrique* — Frei Henrique Soares, de Coimbra, que ia a Calecut como guardião dos oito frades da Ordem de S. Francisco que integravam a armada de Pedro Álvares Cabral.

depois da qual comungaram esses religiosos e sacerdotes e o capitão com alguns de nós outros.

Alguns deles, por o sol ser grande¹, quando estávamos comungando, levantaram-se, e outros estiveram e ficaram. Um deles, homem de cinquenta ou cinquenta e cinco anos, continuou ali com aqueles que ficaram. Esse, estando nós assim, ajuntava estes, que ali ficaram, e ainda chamava outros. E andando assim entre eles falando, lhes acenou com o dedo para o altar e depois apontou o dedo para o Céu, como se lhes dissesse alguma coisa de bem; e nós assim o tomámos.

Acabada a missa tirou o padre a vestimenta de cima e ficou em alva², e assim se subiu junto com o altar, em uma cadeira. Ali nos pregou do Evangelho e dos Apóstolos³, cujo é o dia, tratando, ao fim da pregação, deste vosso prosseguimento tão santo e virtuoso, o que nos aumentou a devoção.

Esses, que estiveram sempre à pregação, quedaram-se

¹ *Por o sol ser grande* — Cerca do meio-dia, pois o Sol ia alto.

² *Ficou em alva* — Ficou só com a túnica branca, sobre a qual tinha vestido a estola.

³ *Apóstolos* — S. Filipe e S. Tiago Menor, festejados pela Igreja a 1 de Maio.

como nós olhando para ele. E aquilo, que digo, chamava alguns que viessem para ali. Alguns vinham e outros iam-se. E, acabada a pregação, como Nicolau Coelho trouxesse muitas cruces de estanho com crucifixos, que lhe ficaram ainda da outra vinda¹, houveram por bem que se lançasse uma ao pescoço de cada um. Pelo que o padre Frei Henrique se assentou ao pé da cruz e ali, a um por um, lançava a sua atada em um fio ao pescoço, fazendo-lha primeiro beijar e alevantar as mãos. Vinham a isso muitos, e lançaram-nas todas, que seriam obra de quarenta ou cinquenta.

Isto acabado — era já bem uma hora depois do meio-dia —, viemos a comer às naus, trazendo o capitão consigo aquele mesmo que fez aos outros aquela mostrança para o altar e para o Céu e um seu irmão com ele. Fez-lhe muita honra e deu-lhe uma camisa mourisca² e ao outro uma camisa destoutras³.

E, segundo que a mim e a todos pareceu, esta gente

¹ *Ficaram ainda da outra vinda* — Nicolau Coelho tinha sido o capitão da nau *Bérrio*, da frota de Vasco da Gama, aquando do descobrimento do caminho marítimo para a Índia.

² *Camisa mourisca* — Comprida e larga idêntica à dos Árabes.

³ *Camisa destoutras* — Vulgar, mais curta e chegada ao corpo.

não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, senão entender-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer, como nós mesmos, por onde nos pareceu a todos que nenhuma idolatria, nem adoração têm¹. E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados ao desejo de Vossa Alteza. E por isso, se alguém vier, não deixe logo de vir clérigo para os baptizar, porque já então terão mais conhecimento de nossa fé, pelos dois degredados, que aqui entre eles ficam, os quais hoje também comungaram ambos.

Entre todos estes que hoje vieram, não veio mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre à missa e a quem deram um pano com que se cobrisse. Puseram-lho a redor de si. Porém, ao assentar, não fazia grande memória de o estender bem, para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior, quanto a vergonha.

¹ *Nenhuma idolatria, nem adoração têm* — Mais do que os negros, os indígenas brasileiros tornavam-se, assim, um bom campo para espalhar a fé cristã, pelo que para isso apenas careciam de uma pronta atenção da parte de D. Manuel, para que lhes fossem enviados missionários.

Ora veja Vossa Alteza se quem em tal inocência vive se converterá ou não, ensinando-lhes o que pertence à sua salvação.

Acabado isto, fomos assim perante eles beijar a Cruz, despedimo-nos e viemos comer.

Creio, Senhor, que com estes dois degredados ficam mais dois grumetes, que esta noite se saíram desta nau no esquife, fugidos para terra. Não vieram mais. E cremos que ficarão aqui, porque de manhã, prazendo a Deus, fazemos daqui partida.

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta mais contra o sul vimos até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto havemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras¹, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã e muito formosa.

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande,

¹ *Barreiras* — Termo muito utilizado nos roteiros da época, para conhecimento das costas, designando a parte alcantilada — a pique ou com um declive muito acentuado.

porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados, como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

Porém, o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.

E que aí não houvesse mais que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecut, isso bastaria. Quanto mais disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa santa fé.

E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta terra vi. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, pois o desejo que tinha de tudo vos dizer mo fez pôr assim pelo miúdo.

E pois que, Senhor, é certo que, assim neste cargo que levo, como em outra qualquer coisa que de vosso serviço for, Vossa Alteza há-de ser de mim muito bem servida, a Ela peço que, por me fazer graça especial, mande vir da ilha de São Tomé a Jorge de Osório, meu genro¹ — o que d'Ela receberei em muita mercê.

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro, da vossa ilha da Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de Maio de 1500.

¹ *Jorge de Osório* — Genro de Pêro Vaz de Caminha, que se encontrava degredado em São Tomé, pelas justiças de D. Manuel.

PÊRO VAZ DE CAMINHA
 CARTA A EL-REI
 D. MANUEL SOBRE O
 ACHAMENTO DO BRASIL

Mandou lançar o prumo. Acharam vinte
 e cinco braças, e, ao sol-posto, obra
 de seis léguas de terra...

42

Apoio:



Patrocínios:

